

■ NACIONAL

Econ. Brasil

79

Sem reformas, país cresce 2,1%

Para economistas, evolução do PIB pode melhorar se houver mudanças estruturais

por Sandra Gomide
de São Paulo

A atividade econômica neste ano deverá crescer apenas 2,1%, puxada principalmente pelos setores industrial e de serviços, e a taxa de desemprego deverá subir dos atuais 5,4 para 5,9%. A inflação acumulada, medida pelo Índice Geral de Preços Disponibilidade Interna (IGP-DI), ficará em 25% e o re-

sultado comercial será novamente um déficit em torno de US\$ 3 bilhões.

Esse é um dos cenários mais prováveis para a economia brasileira, com 60% de chances de concretizar-se até o final do ano, segundo o Boletim Econômico Indicadores Antecedentes, publicado trimestralmente pelos economistas Cláudio Contador, da Universidade Fe-

deral do Rio de Janeiro (UFRJ), e Josef Barat. Segundo ressalta Barat, as possíveis taxas para os principais indicadores da atividade podem variar conforme a postura política adotada pelo governo neste ano. "Um dos principais problemas para o governo será concretizar as reformas estruturais e conter os gastos públicos", afirma Barat.

Os economistas acreditam, porém, que se o governo acelerar as medidas de implementação das reformas estruturais esse quadro poderá alterar-se e a economia mostrará resultados melhores no longo prazo. Segundo o boletim, embora a taxa de crescimento possa ser de apenas 1,7% neste ano, haverá, dentro deste contexto, recuperação do saldo negativo em conta corrente (passando de déficit de US\$ 18 bilhões para US\$ 15 bilhões) e taxas de inflação acumulada em torno de 17%. As possibilidades de isso ocorrer, segundo Barat, são de apenas 20%, já que o governo deverá sofrer pressões políticas e empresariais para retardar o processo de implantação da chamada quarta fase do Plano Real.

Há ainda alguma possibilidade (20%) de um retrocesso econômico e a volta aos padrões pré-Real de comportamento, com crescimento um pouco mais acelerado, em torno de 2,5% e altas taxas de inflação (35%) acumulada no ano. "Se isso acontecer

seria um rompimento do processo de estabilização, com remendos e ajustes para contemplar interesses dos aliados", lembra Barat.

Quaisquer que sejam os rumos da economia, no entanto, os economistas prevêem uma redução de 5,4% na produção agrícola,

resultado que não deverá causar danos à demanda ou preços dos alimentos, porque os estoques feitos em 1995 foram acima do normal. O nível da produção da agricultura deverá voltar aos índices de 1994, considerados muito bons pelos especialistas.